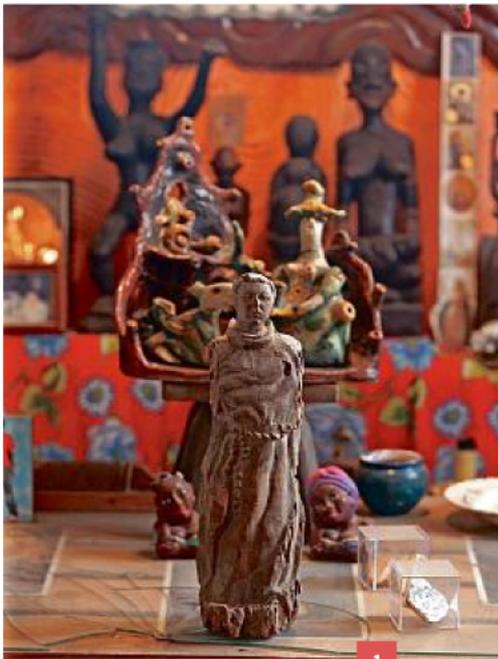


Vida*

NO SITE WWW.ACERVODALAJE.COM.BR É POSSÍVEL CONFERIR FOTOS E MAIS DETALHES SOBRE O ACERVO



FOTOS DE MARINA SILVA

●● O Acervo da Laje aumenta minha noção de pertencimento. Sinto bem-estar em poder dar uma devolutiva ao bairro onde nasci
José Eduardo Ferreira
Pedagogo, criador do Acervo da Laje



Laura Fernandes

REPORTAGEM
laura.fernandes@redebahia.com.br

A presença do Acervo da Laje no Subúrbio Ferroviário de Salvador virou sinônimo de bem-estar na região. Não só por sua vista encantadora – da varanda, o encontro do mar com o rio parece uma pintura natural. Também não é só por causa das mais de 5 mil obras de artistas locais que abriga em duas casas acolhedoras. Mas, sim, por motivos mais subjetivos que podem ser melhor compreendidos a partir de uma história curiosa contada pelo próprio idealizador do espaço.

Jogada no lixo, uma estátua chamou a atenção do pedagogo José Eduardo Ferreira Santos, 44 anos, que pegou o objeto de madeira e levou para sua casa-museu-escola, mais conhecida como Acervo da Laje. Mal sabia Eduardo que havia ali uma raridade. Só depois de um tempo é que ele descobriu que estava em posse, na verdade, de “um Paciência”. Então, foi correndo atrás dessa história.

“Descobrimos que esse homem morou em Paripe e fazia esculturas de santos maravilhosas”, revela, sobre o trabalho de Adilson Baiano Paciência. “Não tem biografia, não tem história dele. Só

sabia que era um senhor, negro, que vendia no Mercado Modelo”, destaca Eduardo, que rodou a cidade em busca de outras obras de Paciência e hoje coleciona uma série. “São artistas invisíveis do Subúrbio”, ressaltou.

O que para uns não passou de descarte, portanto, para ele virou sinônimo de pertencimento e daí vem o sentimento de bem-estar. Afinal, o pedagogo nascido e criado no Subúrbio acredita que a preservação da memória e do patrimônio cultural têm “uma função importante no desenvolvimento humano”.

Mestre em psicologia e doutor em saúde pública, Eduardo defende que o contato com a obra cria uma “dimensão carregada de presença” e o encontro com a beleza transforma realidades vulneráveis. E é sobre isso que vai conversar amanhã, às 18h, na roda de conversa Patrimônio É, que acontece no Espaço Cultural da Barroquinha (veja matéria ao lado).

OLHAR

Chamado de professor pelos vizinhos, Eduardo recebeu a reportagem em sua Laje, na última sexta-feira. Ao chegar no espaço idealizado por ele em 2011 e mantido com a esposa e professora Vilma Soares, 51, encontramos o pequeno Guilherme Ferreira, 9. Frequentador assíduo, o estudante estava concentrado na aula de reforço com Vilma.

Mesmo atento, o garoto fez uma pausa para contar o dia

1 Raridades
Artistas como Maurino Araújo, Reinaldo Eckenberger e Otávio Bahia têm obras no Acervo da Laje

2 Obras de artistas locais doadas e compradas são maioria no espaço que é formado por duas casas

3 Vista A casa-museu-escola, onde Eduardo e Vilma moram, tem vista privilegiada para o mar da Baía, que encontra o rio

4 Dor O quadro de Zaca Oliveira, Solitude, “absorve os lutos de quem passa”

5 e 10 Diversidade
A cerâmica de Eckenberger é uma das obras doadas para o acervo

6 e 9 Espelhos
azulejos, tijolos, porcelanas e fotos decoram as duas casas

7 Paciência
Os terços e crucifixos são marcas das obras de Adilson Baiano Paciência; as carrancas foram achadas no lixo

8 Mulher
africana, de Otávio Bahia

Riqueza de todos e para todos

Bem-estar Conheça o Acervo da Laje, espaço que ajuda a transformar o Subúrbio



●● Tudo isso trabalha a percepção, o olhar, a curiosidade de saber que aquilo é importante. Mexe muito com o raciocínio da criança, que tem vontade de aprender
Vilma Soares

Professora, sobre a importância do contato com a arte





6

Comida e arte A exposição **Os 7 Santos de Tereza** tem abertura hoje, no restaurante Casa de Tereza, no Rio Vermelho PÁG. 18



9

em que encontrou uma peça rara, hoje parte do acervo. Foi nas férias, enquanto ajudava o pai a subir uma laje, que viu um objeto branco brilhando na areia e na hora lembrou do que aprendeu no Acervo da Laje: observar a beleza do entorno. Imediatamente, guardou a peça e no dia em que voltou a estudar, foi correndo para a “pró” Vilma. Entregou, para surpresa dela, um artefato de marfim.

Não acaba aí. Em outro momento, o pequeno encontrou uma pintura em aquarela no lixo e foi correndo chamar a professora. “Tava saindo da banca e na hora que passei do quadro, voltei pra chamar minha pró, porque quadro tem que ficar na parede”, justifica o simpático estudante que, com apenas 4 anos, começou a frequentar o Acervo onde tocar nas obras é mais do que permitido: é necessário.

“Tudo isso trabalha a percepção, o olhar, a curiosidade de saber que aquilo é importante. Mexe muito com o raciocínio da criança, que tem vontade de aprender”, destaca Vilma. “A gente permite que toquem nas obras, porque acreditamos que essa dimensão é educativa. Ela vai nos oferecer pessoas mais conscientes daquele patrimônio, mais educadas, mais sensíveis em relação à vida, e que vão ter repertório para li-

dar com as dificuldades”, completa Eduardo.

BELEZA

No momento em que as pessoas se identificam com esse acervo, “o valor de cuidado e pertencimento com esse patrimônio muda”, reforça o gerente de patrimônio cultural da Fundação Gregório de Mattos (FGM), Edwin Neves, 39. “Acredito que isso aproxima mais a população, no que tange conhecer a história da sua cidade”, completa o porta-voz do evento de amanhã, que faz parte do projeto Salvador Memória Viva.

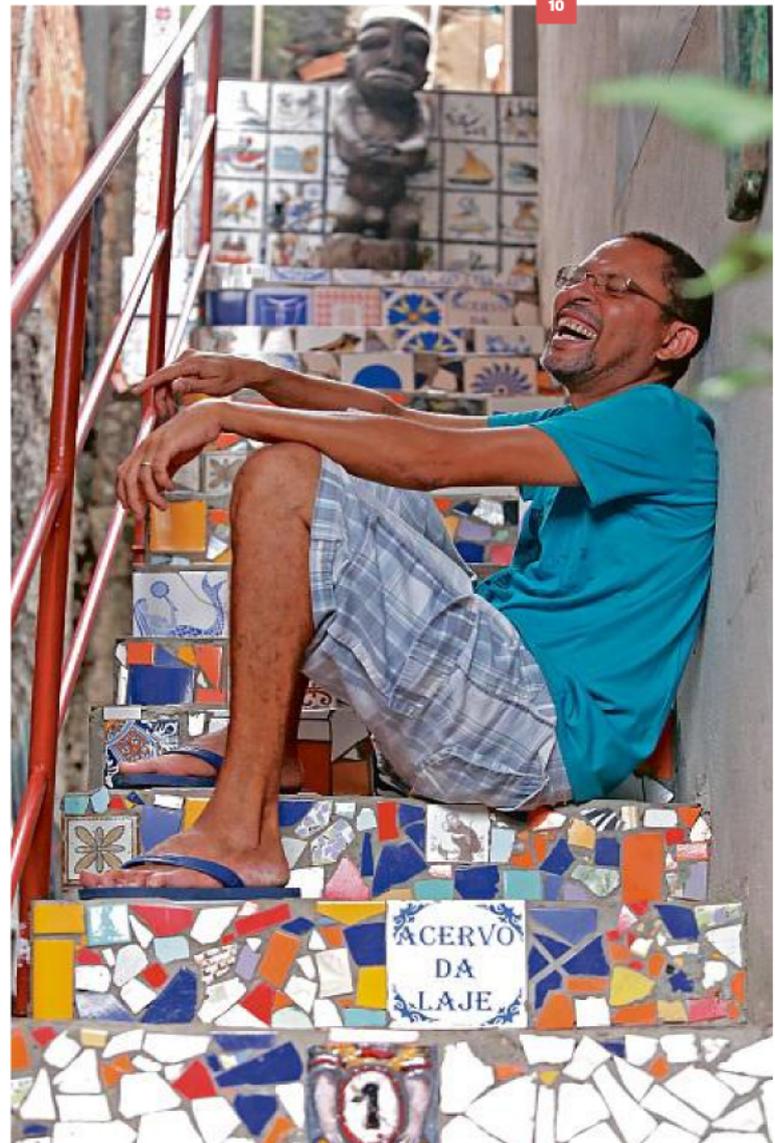
É a partir dessa proposta que o Acervo da Laje mantém sua missão: contar a história do Subúrbio através de tijolos, azulejos e porcelanas antigas, assim como artefatos históricos, quadros, esculturas, fotografias, livros e outros objetos. Além dos trabalhos de artistas locais, comprados ou doados, o Acervo reúne obras cedidas por artistas como Calasans Neto (1932-2006), Reinaldo Eckenberger e Kennedy Bahia (1929-2005).

“O Acervo da Laje aumenta minha noção de pertencimento. Sinto bem-estar em poder dar uma devolutiva ao bairro onde nasci, em continuar educando as pessoas, em favorecer as trocas simbólicas para o bairro não virar um gueto. Eu e Vilma encontramos a beleza, a arte, e quando você encontra uma coisa bonita, você não guarda embaixo de uma caixa. Você quer mostrar para todo mundo”, sorri Eduardo.

Evento gratuito aborda memória e cultura no Subúrbio

A partir do tema Subúrbio Ferroviário: Memória e Cultura, a roda de conversa Patrimônio É acontece amanhã, às 18h, no Espaço Cultural da Barroquinha, com entrada gratuita. O evento realizado pela Fundação Gregório de Mattos (FGM) e mediado por Edvard Passos, vai contar com a participação do pedagogo e curador do Acervo da Laje, José Eduardo Ferrei-

ra, além do geógrafo e professor titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (Unifacs), Renato Barbosa Reis. Outra convidada do evento é Ana Vaneska Santos de Almeida, que coordenou o projeto Experiência de Gestão Participativa do Centro Cultural Plataforma.



10



7



8